

A DANÇA DE RUA COMO AUXÍLIO NO PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO EM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

COSTA, Mariana Martins da.¹

TAIOQUI, Carla Oliveira.²

RESUMO: O âmbito escolar é um espaço para adquirir conhecimento, mas também, onde as relações interpessoais são desenvolvidas, uma vez que se encontram diversas personalidades e culturas. Uma disciplina que pode oportunizar o desenvolvimento de relações interpessoais e a resolução de conflitos é a educação física, visto que ela pode se utilizar de estratégias que favoreçam a discussão de problemas cotidianos de forma lúdica, agradável e divertida. A partir disso, este trabalho, através da revisão literária, apresenta uma estratégia que pode auxiliar no desenvolvimento do processo de socialização de alunos no ensino fundamental: o Street Dance. Uma expressão sócia artística e política do jovem excluído socialmente nas zonas urbanas, também chamada de dança de rua, tem sido uma eficiente estratégia pedagógica que insere no universo do adolescente a cultura corporal com o reconhecimento da realidade identificada em seu contexto social. A constatação com o desenvolvimento desse trabalho, é que, embora haja poucos referenciais bibliográficos da utilização da dança nas escolas, a socialização – uma de suas funções – é favorecida. Ao reunir informações históricas, evolutivas e representativas desse conjunto de estilo, é visível que o educador físico pode se apropriar na dança o que agradam e dão sentido educacional aos seus alunos.

Palavras-Chave: Dança. Ensino e Aprendizagem. Socialização. *Street Dance*.

1. INTRODUÇÃO

O espaço educacional além de ser o ambiente propício para o processo de desenvolvimento cognitivo e psicomotor dos indivíduos é também responsável pelo processo de socialização. No espaço escolar, os indivíduos elaboram conhecimentos e se constroem dos conflitos inerentes à espécie humana.

Muitas vezes a indisciplina, a falta de concentração, a violência, tem contribuído para a má qualidade do ensino nas escolas, os quais são problemas complexos que servem de entrave ao processo de desenvolvimento educacional e ao convívio harmônico entre alunos e professores. A prática regular de atividades físicas, somada ao desenvolvimento de práticas

¹ Aluna do Curso de Educação Física das Faculdades Integradas Regionais de Avaré - FIRA. Email – mariy.martinsz@hotmail.com

² Professor Orientador no curso de Educação Física na Fundação Regional Educacional de Avaré – FREA. Especialista. Email– carla-taioqui@outlook.com

socializantes, desde os primeiros anos do ensino fundamental, pode ajudar a reverter esse quadro.

Assim, atualmente, os educadores vêm buscando procedimentos eficazes que possam servir de instrumentos facilitadores no processo de socialização no ensino e aprendizagem. Diante disso, pode-se pensar no trabalho com a dança, a qual tem se destacado quanto ao desenvolvimento da consciência corporal, propiciando na vida daquele que a pratica por satisfação, entretenimento e por meio da convivência social.

Ao se propor um trabalho sobre a escola, percebe-se a importância do diálogo do sujeito com o meio onde vive. Para Freire (2005) o processo de ensino-aprendizagem só terá êxito a partir do momento em que o educando tome consciência de que ele não é um mero espectador, mas sim, o autor e construtor da sua própria história, podendo alterá-la ou modificá-la a partir de uma leitura e análise da realidade.

Os adolescentes geralmente procuram seu espaço dentro da sociedade e o trabalho com dança, nesse caso, a dança de rua foi o foco do estudo. Esse estilo requer movimentos intensos, ágeis e sincronizados, que trabalham simultaneamente as pernas, braços, ombros e cabeça, além do condicionamento físico e resistência que a prática pode promover. Além disso, as letras das músicas propõem reflexão sobre a realidade dos alunos gerando uma empatia que ajuda a promover a identificação com a dança.

Dessa forma, este trabalho tem por objetivo investigar a Dança de Rua como recurso pedagógico para o ensino e socialização de adolescentes no âmbito educacional. Nesse sentido, procurou-se frisando algumas inquietações que nortearam a construção e o desenvolvimento da pesquisa acerca dessa temática como; será que por meio da dança de rua consegue-se trabalhar uma melhor comunicação e conscientização de equipe entre os adolescentes? E quanto às habilidades motoras, será que pode desenvolver o ritmo e a expressão corporal? Essas entre outras inquietações serão abordadas no decorrer do estudo.

Depois de traçado o objetivo, houve a preocupação em buscar nos referenciais teóricos o contexto histórico da construção da dança e da dança de rua como demonstrativo de identidade dos jovens no local de seu surgimento, bem como sua chegada ao Brasil e a apropriação do movimento pelas ruas do país.

2. ESCOLA E SOCIALIZAÇÃO

Quando se trata de escolarização e socialização, a princípio, é relevante a formação de identidades, estruturação de personalidades, que se dá por um longo processo de socialização

do qual as crianças são atores principais. A prática interativa da criança com o seu universo se tornam cruciais; a família, a escola, as igrejas e as mídias se somam aos grupos de amigos, aos colegas de escola entre outros para num processo de contato/conflito, que gerem o indivíduo, embora ser social, possuem também suas individualidades (GADOTTI & ROMÃO, 2006).

A socialização é um processo de relações humanas, e a escola está confrontada à concorrência de outras instâncias de socialização, tendo dificuldades de enfrentar e integrar as imagens, os valores difundidos pelas mídias, os modos de socialização entre pares, e a turma (clube, escola, esporte, etc.). A escola não é mais o único lugar que se aprende (BELLONI, 2001), mas é o local propício para o conflito entre os saberes que são apresentados a criança em todo processo de socialização.

Para ser realmente educativo o ambiente escolar, o qual deve ser o local onde as aprendizagens acontecem nas relações entre as pessoas e para que o indivíduo se torne um ser social, faz-se importante que algumas habilidades sejam desenvolvidas, como nos diversos aspectos físico, emocional, afetivo e cultural. Para Belloni (2001) embora a escola não seja o único lugar que se aprende, ela é o local propício para o conflito entre o que a criança traz consigo e os saberes que são apresentados a ela em todo processo de socialização.

Para Piaget (1968) embora o meio ambiente imponha sua realidade, a criança é ativa e faz dele um campo de ação e de representação. Assim, a socialização se constrói do processo de ação e interação das crianças com o mundo exterior, levando a importância do grupo, mas acredita que, dentro dele, a criança constrói seu próprio desenvolvimento sociológico.

A integração dos saberes que se compõem em cada uma das esferas constitui o processo de socialização, que é o resultado da interação das crianças e adolescentes com o meio ambiente social e natural em que eles vivem.

O autor Gadotti e Romão (2006) relata que é importante salientar que o processo de socialização deve ser encarado como a construção da identidade que ocorre na interação entre os elementos. A identidade de cada indivíduo não é, pois, algo pronto, dado e recebido, ela vai sendo atribuída e construída em atos de reconhecimento social. Depois da família, como núcleo primeiro de socialização, aparece a escola.

Mead (2004) entende que a escola, em todas as suas interações, favorece a socialização. Para a autora, as relações que se estabelecem no seu interior vão além do pátio ou da sala de aula. Estão nos contatos entre professores e alunos, professores com gestores, gestores e professores com os pais e a comunidade e são de fundamental importância para a construção da sociedade.

A relação entre as pessoas, o diálogo, a troca de experiências, permitirá o crescimento humano, fará compreender as diferenças, construirá elos que representam as relações de troca de conhecimento humano diferenciados, formando uma grande corrente. Desta forma, se entende que o educador tem que socializar uma postura de diálogo, de curiosidade e criatividade, para que ele e os educandos construam uma escola verdadeiramente democrática (FREIRE, 2005).

O mesmo autor continua dizendo que para isso ocorrer, há a necessidade do conhecimento de como a criança aprende, de como o conhecimento se apresenta a ela, a demanda do conhecer seu mundo e aproximá-lo do ambiente escolar como “ponte” para novas aprendizagens. Dessa forma, no ambiente escolar, o “dançar” deve ser o início da aproximação quando a proposição é apresentar possibilidades de trabalho educativo com a dança de rua, ou *Street dance*.

3. DANÇA: HISTÓRIA E ORIGEM

A dança é tida como uma antiga linguagem artística, tendo sua origem associada de forma cronológica ao surgimento da humanidade. (SANTINHO; OLIVEIRA, 2013, p.13).

Historicamente, o autor cita que o homem utilizava-se da dança apenas para expressar sentimentos e agradecimentos. Desde a antiguidade, observa-se que todos os povos cultivavam formas expressivas como as danças, jogos e lutas.

Assim, “Quando o trabalho da dança for educativo, através de movimentos que não priorizem a técnica, pode-se pensar a dança como área de conhecimento autônomo, em que os educandos estão livres para expressar suas emoções, desejos e anseios”. (WIEBUSCH; ISSE, 2016, p. 92).

De acordo com VERDERI (2009): “O homem primitivo dançava por inúmeros significados: caça, colheita, alegria, tristeza. O homem dançava para tudo que tinha significado, sempre em forma de ritual”.

Para Faro (2004), a dança surgiu como ritual cerimonial para diferentes fins: para pedir uma colheita fértil, para a vinda das chuvas, para agradecer os deuses às dádivas recebidas, dentre outros pedidos ou agradecimentos, como se fosse à ligação da terra com as entidades. Após toda evolução da dança, foi a partir desses rituais celebrados na África que a cultura folclórica brasileira surgiu.

Os colonizadores se utilizaram da mão de obra escrava africana no Brasil, trouxeram da África mais do que mão de obra, toda uma cultura que se proliferou muito rápido. Essa

adaptação foi praticamente natural, a dança era tão eficiente para adaptações de culturas e como meio de comunicação, que os próprios padres portugueses também utilizaram a dança para catequizar os índios e os escravos. Graças a mistura da cultura dos portugueses, dos índios e dos africanos surgiu a cultura brasileira. Por isso, já se tem um panorama de como se deu a origem de festas e religiões como umbanda, candomblé, maracatu, dia de reis, congada, festa do divino, entre outras.

Durante a evolução da dança, conforme a sua história não faltaram esforços e técnicas para aprimorar os movimentos e as possibilidades destes, a fim de novas criações de estilos diferentes ao redor do mundo. Assim “estilo livre” o que ajudou a promover à liberdade de movimento, característica marcante das danças contemporâneas, até a dança de rua. Isso nos faz perceber que a dança é realmente uma das artes mais antiga que o homem experimentou, e que ao longo dos anos evoluiu em conceitos, nos fatos sociais e culturais (FARO, 2004).

3.1 DANÇA DE RUA: *Street dance*

Segundo Guarato (2008), as Danças Urbanas são um gênero de dança que surge em meio à crise econômica nos EUA por volta de 1929, momento em que muitos estabelecimentos comerciais e fábricas demitiram grande parte de seu efetivo. Em meio a esses trabalhadores desempregados haviam os mais diversos tipos de artistas, que viram nas ruas de Nova York uma oportunidade de sobrevivência em meio à crise que abalou o mundo. Surgem aí os primeiros relatos sobre o gênero de danças aqui tratado, permeado pela pluralidade de propostas estéticas e de qualidade de movimento. Contudo, a grande explosão deste gênero que reúne diversificados estilos de dança – *Street dance* - ocorre nas décadas de 1960 e 1970 (SANTOS, 2011).

A Cultura Hip Hop, através de sua própria linguagem, não se restringe apenas ao estilo de dança. Portanto, é imprescindível que se tenha um conhecimento aprofundado de ambas as ideias para que as intersecções não sejam entendidas como a regra, pois cada uma possui sua própria identidade. O conjunto de estilos da dança de rua recebe o nome de *Street Dance* e se desenvolvem na realidade gestual do indivíduo, através de movimentos coordenados e harmoniosos, o que faz do corpo uma forma de comunicação. (BIANCHINI, 2016).

A história contada mostra a necessidade de compreender e se aprofundar no gênero Danças Urbanas, que é o universo das danças populares estadunidense onde está inserido o Hip Hop Dance, é algo muito complexo, pois existem os mais diversificados estilos e cada estilo com seu contexto, peculiaridades e especificidades. DUARTE (2016, p. 21)

No Brasil, a Dança de Rua enfrenta alguns preconceitos. Alguns anos atrás, quando os festivais de dança se tornaram adeptos as Danças Urbanas como parte dos eventos de dança, depois de muita resistência dos organizadores, utilizavam o nome em inglês, *Street Dance*, para se referir ao gênero. Até hoje muitas das academias de dança do país não utilizam o termo em português por acreditarem ser um nome não comercial e menos atrativo (DUARTE, 2016, p. 18)

Para HERCHMANN (1997), o *Street Dance* é uma dança criada, inicialmente pelos *breakers*, desenvolvida nas disputas e performances de suas festas. Um estilo de vida, com vestimenta, música e linguajar próprios. Pode ser caracterizada por quatro elementos divididos em três categorias: música – RAP (DJ's e MC's), artes plásticas – grafite e dança – *Street Dance* (vários estilos).

A forma, "Funk", como gíria, deixa de ser pejorativa e passa a representar o orgulho negro. A roupa; o modo de andar; residir em determinado bairro da cidade; o modo de cantar e dançar caracterizavam o "ser Funk". O Funk era apreciado principalmente pelos adeptos do Soul, pois utilizava um ritmo marcado por arranjos agressivos, o que radicalizava a proposta inicial. No *Street Dance*, de estilos diversos, originais e contemporâneos, encontram-se influências do Funk. Analogamente, hoje, o *Funk* está para o *Street* assim como o *Ballet* está para as danças acadêmicas, e pode ser considerada base para o seu desenvolvimento (ROCHA et al, 2001).

Para SHUTERMAN (1998), o Hip Hop se destaca no Bronx na década de 1970 e se expande para outros bairros, como o Harlem e Brooklin e depois para o mundo. Em 1974, a cultura Hip Hop ganha vida e é fundado o Zulu Nation, onde se criam seus quatro elementos:

Locking: criado por Don Campbell, na cidade de Los Angeles (Estados Unidos), em finais de 60. Originado do Funk, especificamente de um passo chamado *FunkyChicken*.

Brooklyn Rock (UpRocking): criado por dançarinos (Rockers), Rubber Band e Apache, entre 67 e 69, no bairro do Brooklyn, na cidade de Nova York (Estados Unidos), como movimentos de disputa.

Popping: criado por Boogaloo Sam, nascido em uma pequena cidade da Califórnia, Fresno. O dançarino possuía, no início dos anos 70, seu grupo de *Locking*, quando em meados de 75 passou a criar seu estilo próprio, e seu grupo, antes chamado de *ElectronicBoogalooLockers*, tornou-se *Electric Boogaloos*. Movimento caracterizado pela contração muscular.

Boogaloo: também criado por Boogaloo Sam na mesma época, ao observar o andador de um homem velho pela rua e seu movimento. Caracteriza-se por movimentos circulares do quadril.

B-Boying ou B-Girling (Breaking): surgido entre os anos de 75 e 76, no Bronx (Nova York). O Break Boy ou Break Girl veio do termo Break/B. (trecho de música, na maioria das vezes instrumental, que valorizava mais a batida e a linha de baixo).

Freestyle (estilo livre): originado em meados de 80 na chamada Golden Age (Era de Ouro). Tal nome se deve ao fato de esse estilo/modalidade de dança ser baseada em toda a forma de Social Dance ou Street Dance.

EJARA (2004) vê como falso patriotismo americano, pois os movimentos e estilos seriam derivados do Funk, desenvolvendo-se em outros estilos/modalidades, nas situações vividas por seus criadores. O autor define a dança de rua, ou Street Dance como terminologia geral dividida em vários estilos/modalidades: Locking, Brooklyn Rock (UpRocking), Popping, Boogaloo, B-Boying ou B-Girling (Breaking), Freestyle (estilo livre).

A chamada cultura *Hip Hop* caracteriza-se como um veículo de informação de questões raciais, sociais e políticas, debates que estiveram sempre presentes na história do povo que a originou (TRIUNFO, 2000).

Para ROCHA et al (2001) abriu-se um leque de oportunidades para se trabalhar com o *Street Dance*. Nas escolas, os quatro elementos passaram a ser muito utilizados em aulas de Língua Portuguesa (letras de músicas Rap), em aulas de Artes (o Grafite) e em aulas de dança o *Street Dance*. Isso fazia com que alunos tidos como problemáticos se expressassem positivamente através da cultura da dança. Dançarinos de *Street Dance* que trabalhavam em escolas da periferia de São Paulo conseguiram se aproximar de questões de difícil acesso aos educadores convencionais. Em vez de violência, estabeleciam-se competições saudáveis, como os chamados "rachas", e as crianças, sublimando seus problemas familiares e sociais, melhoraram seu comportamento.

4. A DANÇA DE RUA E SUA INSERÇÃO NA ESCOLA

Ainda hoje, encontramos em muitas escolas a dança vinculada à disciplina de Educação Física. Muitas instituições fazem o uso dessa arte como um recurso pedagógico a ser utilizado em sala de aula, e a oferecem apenas nas aulas de Educação Física ou como uma atividade extracurricular. A vivência nas aulas de Educação Física pode ajudar no desenvolvimento não só de habilidades, como também desenvolvimento de movimentos através da dança, que podem ser trabalhados como conteúdo. Entretanto, os docentes encontram barreiras para trabalhar com a dança devido à insegurança gerada pela falta de experiência com essa modalidade (SOUSA, 2014).

O trabalho apresentado por NOGUEIRA (2014) traz uma reflexão da prática pedagógica com a dança e as dificuldades que os docentes enfrentam para trabalhá-la na educação infantil. A dança permite que a criança e ao adolescente possam se expressar, criar e sociabilizar e os professores, diferentes formas de educar.

Nos estudos feitos, há várias definições encontradas e todas complementam-se, como é visto em LABAN (1978, apud RAMOS e MEDEIROS, 2018, p. 316) que define a dança como “poema do esforço” e como uma “forma de manifestação artística e lúdica que guarda uma ligação extremamente íntima com o corpo”.

Conforme OLIVEIRA (2014) acrescenta, há chances de utilizar diversas ações pedagógicas em concomitância com a dança de rua, criando outra possibilidade de aprendizado para os alunos durante as aulas. A Dança de Rua resgata este autoconhecimento, busca em sua cultura a manifestação de seus sentimentos e emoções, é uma modalidade que possui liberdade de criação. FEITOSA e PINTO (2017).

A abordagem da dança no ambiente escolar e a relação de gênero entre os alunos, assim como no trabalho de SANTOS (2017), que admite a precisão de trabalhar essas questões através da Educação Física, com intuito de reduzir preconceitos oriundos da diferença de gênero, através do desenvolvimento desse conteúdo, gerando familiaridade a todos os discentes.

Ao pensar no quão benéfica a dança pode ser no ambiente escolar, muitas vezes o pensamento acaba se restringindo apesar ao desenvolvimento motor, inibindo a ligação direta ao desenvolvimento global infanto-juvenil, principalmente relacionado ao social, que é o principal foco desse estudo. Através dessa visão, FERREIRA (2005, apud REZENDE, 2015, p14) pontua que a dança:

Possibilita uma ampliação na capacidade de interação social fazendo o educando conhecer e respeitar a diversidade; auxilia no desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo social das crianças e jovens, apontando o movimento expressivo-corpóreo como forma de aprimoramento e domínio do esquema corporal, da estruturação espacial e da orientação temporal, elementos estes responsáveis por grande parte da aprendizagem da criança. (FERREIRA, 2005, apud REZENDE, 2015, P.14)

A dança escolar, MEIER e KAUFMANN (2018) expõem um pensamento sobre a melhoria da qualidade de vida e da socialização pela vivência e com precauções a saúde, onde as vantagens se expandem para outras organizações e disciplinas.

Com relação aos benefícios da dança, ALMEIDA (2016) também completa que, a dança influencia no desenvolvimento infantil na fase de crescimento e em seu rendimento escolar, tal como a melhoria das relações interpessoais, no ambiente escolar, familiar e na sociedade em geral.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Em relação no presente estudo que foi exposto, não há como opor-se que a dança contribui no processo ensino aprendizagem. Nota-se que é necessária a introdução dessa arte nas escolas, a fim de que as crianças e adolescente tenham acesso à arte e à cultura.

A escola por ser um ambiente onde ocorre a pluralidade de relações sociais é, portanto, um espaço ideal para que a Dança de Rua, ou *Street Dance* seja realizado, pois uma das funções da escola é organizar a sociedade, participando da formação integral do aluno, inserindo-o no universo da cultura corporal.

Depois de construído este trabalho, através da revisão de literatura, constatou-se que a dança em especial, a Dança de Rua, pela aceitação que tem com os alunos, deve se apropriar do espaço escolar para a construção de novas aprendizagens. Dançar, além de divertir, deve fornecer elementos que aproximem a criança do conhecimento pela proximidade e expressões que o corpo em movimento pode proporcionar.

Ao reunir informações sobre a história da dança e sua evolução histórica e entender que o fato do *Street Dance* apresentar um conjunto de estilos, percebe-se que o professor de educação física pode se apropriar desse estilo de dança que mais agradam e dão sentido educacional aos seus alunos. A descrição e definição desse estilo de dança podem ser acrescidas da liberdade própria do movimento humano. É proporcionar ao aluno a compreensão de que a dança de rua deve ser uma superação de si mesmo, dos limites do seu corpo e do trabalho com o coletivo.

O que se constata com a execução desse trabalho é que, embora existam poucos referencias bibliográficos sobre a utilização da dança no ambiente escolar, a socialização uma das funções da escola, é favorecida se houver a intencionalidade do professor de educação física de uma educação realmente efetiva.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. S. A. **A importância da dança inserida na Educação Física**. 2016. 43 Folhas. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2016.

BIANCHINI, H. **O DJ e a batalha**: reflexões sobre a música tocada em uma batalha de “Freestyle” Hip Hop Dance (revisão de um texto de 2013). 2016.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

DUARTE, T. F. **Ensino de danças urbanas hoje**: um estudo sobre práticas artístico-pedagógicas contemporâneas na cidade de Pelotas – RS, a partir do olhar docente. 2016. 173 f. TCC (Licenciatura em Dança) - Centro de Artes. Universidade Federal de Pelotas, 2016.

EJARA, F. **A História da Dança de Rua Clássica**: 3º Encontro de Hip Hop do Colégio Fênix, 2004.

FARO, A. J. **Pequena história da dança**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

FEITOSA, R. P. PINTO, C. B. G. **O ensino da dança e a relação de gênero na educação básica**. Universitas: Ciências da Saúde, Brasília, v. 15, n. 1, p. 5765, jan. /jun. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Coleção Leitura, 31ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, M.; ROMÃO, J. E. **Educação de Jovens e Adultos**: Teoria, Prática e Proposta. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GUARATO, R. **Dança de rua**: corpos para além do movimento. Uberlândia: EDUFU, 2008.

LÓPEZ, A. **Hip hop**: como nasceu o gênero musical que transformou a música. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/11/cultura/1502442803_063516.html>

MEAD, M. **Sociologia em Destaque**. São Paulo: Ática, 2004.

MEIER, J. K.; KAUFMANN, L. H. **Os benefícios da dança para o desenvolvimento humano**. 6º Seminário de Iniciação Científica do curso de Pedagogia. ISSN 2359 554X; 16 de outubro de 2015. Disponível: <http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES18.pdf>

NOGUEIRA, M. M. S. **A dança como prática pedagógica no contexto de um Centro de Educação Infantil na Cidade de Itaúba/MT**. 2014. 41f. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação Física (UAB), Primavera do Leste, Mato Grosso, 2014.

OLIVEIRA et al. **Educação Física e a linguagem do hip hop: um diálogo possível na escola**. Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 12, n. 2, p. 166-189, 2014.

PIAGET, J. **A Psicologia da Inteligência**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

RAMOS, T. A. M. S. ; MEDEIROS, R. **Educação como expressão do corpo que dança:** um olhar sobre a vivência da dança em projetos sociais; Educar em Revista, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 311324, maio/jun. 2018.

REZENDE, A. S. **A dança no contexto escolar na Cidade de Buritis/MG.** 2015. 53f. Universidade de Brasília, Pólo de Buritis/MG, 2015.

ROCHA, J.; DOMENICH, M.; CASSEANO, P. **Hip Hop:** a periferia grita. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

SANTINHO, G. D. D. S; OLIVEIRA, K. M. Improvisação em Dança. Guarapuava - PR: 2013. 72 p.

SANTOS, A. S. **DANÇA DE RUA:** a dança que surgiu nas ruas e conquistou os palcos. Porto Alegre: 2011.

SANTOS, T. S. F. **O valor dado à dança por crianças do 1.ºCiclo do Ensino Básico no Jardim Escola João de Deus.** 2017. 20f. Dissertação de 37 Mestrado – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais Instituto Politécnico de Leiria, Portugal, 2017 .

SOUSA, N. C. P; HUNGER, D. A. C. F.; CARAMASCHI, S. **O ensino da dança na escola na ótica dos professores de Educação Física e de Arte.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 28, n. 3, p. 505-520, 2014.

TRIUNFO, N. Rev. **Hip Hop** - Cultura de rua, v. 1. Rio de Janeiro, 2000.

VERDERI, E. B. **Dança na escola:** uma abordagem pedagógica. São Paulo: Phorte, 2009.

WIEBUSWIEBUSCHCH, M. M.; ISSE, S. F. **Dança na Escola:** linguagem, comunicação e criação. Revista Signos, Lajeado - RS, v. 37, n.1, p. 91-99, 2016.